



VILA VERDENSE

COMPOSTO E IMPRESSO
LIVRARIA EDITORA PAX, LIMITADA
RUA DO SOUTO, 73 - TEL. 22604 - BRAGA

QUINZENÁRIO REGIONALISTA
O ÚNICO JORNAL DO CONCELHO DE VILA VERDE

AVENÇA

| | | | |
|---|---|---|---|
| PROPRIEDADE C. de N. S. do Alívio VILA VERDE | Director, Administrador e Editor Severino P. Fernandes PRADO | Redacção e Administração: Vila de Prado — PRADO — Tel. 92123 (Horário das 13 às 19 horas) | ASSINATURAS Continente, 80\$00. Ultramar, Brasil, França e outros países, 100\$00. VIA AÉREA: Ultramar e Brasil, 150\$00. Outros países, 180\$00. As assinaturas são pagas adiantadamente |
|---|---|---|---|

As consequências políticas do golpe

O golpe dos páraquedistas pode considerar-se um 11 de Março de sentido contrário. Efectivamente, enquanto naquela data foi a esquerda que precipitou o golpe da direita liberal (Spínola) para daí tirar ganhos, desta vez foi a esquerda moderada (grupos dos «Nove») que forçou a antecipação do golpe da esquerda também para tirar daí os ganhos de quem precisava urgentemente — e antes que fosse demasiado tarde. Das duas vezes os mais inteligentes e os melhores estrategas foram os vencedores incontestados. No entanto, há a considerar que, em 11 de Março, a esquerda não teve mais do que uma vitória parcial (faltava-lhe já o apoio do povo). Desta vez os «Nove» podem considerar-se vencedores mais robustos, pois o seu êxito tem a cobertura de mais de 80% da população e especialmente dos partidos maioritários.

Sabe-se que, em 11 de Março, o PCP forçou a antecipação do golpe preparado pelos amigos do general Spínola, desarticulando-o. Ainda estava quente a vitória e já Vasco Gonçalves decretava as nacionalizações da banca e impunha ao País soluções violentas. Foi muito grave o atentado feito pelos vencedores do golpe ao Plano Económico que Melo Antunes, com patriótico sentido das realidades elaborara com uma equipa de economistas portugueses sob a chefia do então ministro da Economia dr. Rui Vilar. Pode dizer-se que nesse acto do governo de Vasco Gonçalves, fomentado pelos seus amigos políticos, se encontra a razão principal do terrível descalabro económico em que o País está mergulhado.

O golpe, que teve como detonador os páraquedistas, era do conhecimento do Conselho da Revolução desde há semanas. As reuniões efectuadas em segredo por vultos da esquerda militar estavam a ser controladas por elementos vigilantes. Quando o Conselho Superior da Revolução nomeou Vasco Lourenço para comandante da Região Militar de Lisboa, o general Otelo tentou ainda intimidar o Conselho acenando-lhe com o espantoso de uma violência desencadeada pela esquerda. Mas o Conselho estava devidamente informado quanto ao potencial dos militares esquerdistas. Estava há muito assente que, em caso de golpe, os «Nove» teriam imensas vantagens, uma vez que inteligentemente haviam colocado chefes da sua confiança nas Regiões Militares do Norte, do Centro e do Sul. É possível, agora, avaliar o significado das

(Continua na 3.ª pág.)

Rádio Renascença

Durante estes dias revolucionários, o povo português tem segundo com imenso interesse os noticiários contínuos da Rádio Renascença. Foi duma oportunidade extraordinária em ligação com o Rádio Altitude da Guarda e depois com a Emissora Nacional instalada no Porto.

A Rádio Renascença, ao menos no reduto do norte, mantém-se firme nos seus programas são e na sua música escolhida, recheada de música portuguesa e de bom gosto.

Estranha minoria tomou o seu posto de Lisboa, até que os destruíram. Deles abusaram para as campanhas de comunicação do País. Chegou a hora da libertação dentro do Programa bem aceite do 25 de Novembro, na autêntica revolução do povo português. Finalmente, foi-lhe entregue, só agora, o Porto da Lousã.

Alastra pelo País a campanha LAR, Liga dos Amigos da Rádio Renascença. Todos os bons católicos devem inscrever-se nela,

dando um contributo mensal ou um donativo para a reconstrução dos Postos e despesas enormes a solver.

A direcção é «Liga dos Amigos da Rádio Renascença, Rua Capelo, 5-2.º E, Lisboa-2».

Tenham cautela, porque há pessoas a fazer exploração fingindo pedir para este fim e desviando os donativos.

O povo do Concelho, o malogro do golpe de 25 de Novembro e a sua libertação

Em todo o Concelho foram acompanhados, com grande preocupação os acontecimentos do golpe que nos queria reduzir à escravidão comunista. Causou grande contentamento o triunfo das forças da ordem portuguesas. Já basta de violência e de tiranias, cometidas nesta região

Acontecimentos políticos

Com mágoa de todos os bons portugueses, a Nação apodrecia rapidamente

Surgiu agora a nova esperança do 25 de Abril

Golpe revolucionário de 25 de Novembro

O País foi sujeito ao golpe revolucionário das extremas esquerdas, que visava implantar o comunismo em Portugal. Não foi surpresa. Tudo se vinha preparando desde há longo tempo. O partido do Cunhal, com a testa de ponte do Exército da 5.ª Divisão, com seus planos claros e definidos da instauração da ditadura do proletariado iam preparando tudo descaradamente.

Pelas inventonas do 28 de Setembro e de 11 de Março, eliminaram muitos oficiais superiores de todos os ramos das Forças Armadas. Até hoje, não foram publicados os relatórios desses supostos movimentos. Porquê?

Talvez, para que o mundo inteiro e o País não riam de tanto disparate e civismo de invencionice. O golpe foi-se preparando pelos movimentos sindicais, sujeitos a umas minorias

prepotentes, dirigidas pela Intersindical comunista, por greves, disparatadas com reivindicações ruinosas, por ma-

(Continua na 3.ª pág.)

Inssurrectais

O termo colhi-o eu há pouco dum motorista do Minho. Não vem nos livros. Mas a derivação popular é perfeita e grandemente expressiva: inssurrectal, de inssurrecto. O povo é o grande mestre da linguagem.

O que se insurge uma vez é inssurrecto. E nem sempre aquilo

diz bem de quem merece o nome. Agora, inssurrectal é só pejorativo. Significa o hábito de se insurgir, o vício ou a tara da insurreição.

Comparando: o tumor benigno, que rebenta com a matéria podre que tinha lá dentro, é um inssurrecto; o tumor maligno, que rebenta com o organismo, é um inssurrectal.

Aplicando: inssurrectos, foram os homens do 25 de Abril; inssurrectais, agora, são aí uma horda de bárbaros, que fazem «saneamentos selvagens», que fazem «ocupações selvagens», que fazem «greves selvagens» que vão até ao cúmulo de selvaticamente cercarem o Parlamento e lá manter sequestrados o Primeiro Ministro e a Assembleia Constituinte, num torpe e

(Continua na 4.ª pág.)

Feira Anual e Festas de Santa Luzia em Vila Verde

em 13 e 14 de Dezembro

No dia 13 (sábado) Grande Feira Anual

Das mais antigas e tradicionais do Minho, com transacções do Natal, das maçãs, do mel, dos géneros agrícolas. Costuma-se juntar na Capela romeiros vindos de longes terras para cumprirem os seus votos a Santa Luzia.

haverá Bazar de Prendas, altifalantes com músicas regionais, Zés P'reiras.

Festa Religiosa na Capela — Às 11 horas, haverá missa solene e sermão.

No dia 14 (domingo)

Missa Solene cantada, na Igreja Paroquial, e sermão às 11 horas.

Durante os dias 13 e 14,

O NATAL

e os nossos assinantes e colaboradores

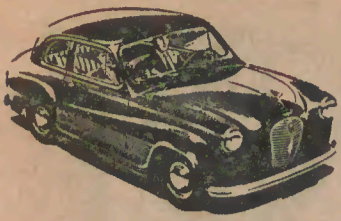
Desde já, e por causa da demora dos Correios, enviamos aos prezados assinantes e colaboradores do nosso jornal «O Vilaverdense» as felicitações, desejando-lhes **Bons Festejos Natalícios e Próspera Ano Novo.**

O «Vilaverdense» e o Jornal «Diário de Notícias de Lisboa»

Afinal de contas vê-se que as calúnias do «Diário de Notícias» de Lisboa, de tão triste memória, contra nós, faziam parte das suas vis campanhas preparatórias do golpe de Estado. Vis serventários moscovitas, caluniadores, sem honra nem dignidade. Agora andam a

monte. A que ponto chegou a baixa de certo jornalismo, neste País!...

E viviam estes senhores à custa do Estado, do pobre contribuinte, que é o Zé pagante. Assim vivem todos os vendidos!...



Rondando o Concelho

Vila de Prado

No dia 23 de Novembro, contraiu matrimónio nesta freguesia, o sr. Luís Francisco Ferreira da Costa de Prado (Santa Maria), com a menina Maria José Fernandes de Araújo, de Frossos, respectivamente filhos do sr. Manuel Ferreira da Costa e de D. Maria Joaquina da Silva Ferreira e do sr. Manuel de Araújo e de D. Maria do Carmo Fernandes.

—No dia 9 de Novembro, contraiu matrimónio nesta freguesia, o sr. João Alves Gama com a menina Custódia Correia da Silva ambos desta freguesia, respectivamente filhos do sr. António S. Ferraz Gama e de D. Palmira Alves de Campos e do sr. João Evangelista Moreira da Silva e de D. Rosa Gomes Correia.

Vila Verde

No dia 27 de Novembro, faleceu, nesta freguesia, António da Silva Lopes, de 3 dias, filho do sr. António da Silva Lopes e de D. Maria da Glória Lopes da Silva, do lugar de Campo da Feira.

Arcozelo

No dia 27 de Novembro, faleceu, nesta freguesia, Isabel Maria Dias Ferreira Machado, de 83 anos de idade, viúva de António Moreira, do lugar do Hospital.

Atães

No dia 8 de Novembro, contraiu matrimónio nesta freguesia, o sr. Adelino Pereira Fernandes de Aboim da Nóbrega, com a menina Maria Helena da Rocha Abreu de Covas, respectivamente filhos do sr. António Martins Fernandes e de D. Maria Antónia Pereira e do sr. João Fernandes de Abreu e de D. Aurora de Sousa da Rocha.

—No dia 22 de Novembro, contraiu matrimónio nesta freguesia, o sr. António Serra Campos de Sequeira, Braga com a menina Maria de Lurdes da Mota e Sousa de Atães, respectivamente filhos do sr. Francisco Ribeiro de Campos e de D. Ana da Costa Serra e do sr. Joaquim da Silva e Sousa e de D. Francisca de Araújo Mota.

—No dia 16 de Novembro, contraiu matrimónio o sr. Hilário Tinoco da Silva, de Coucieira, com a menina Maria Vivas de Barros, de Atães, respectivamente filhos do sr. João Fernandes da Silva e de D. Maria Albina Rosa Tinoco e do sr. Abel José de Barros e de D. Rossa da Mota Vivas.

Azões

No dia 22 de Novembro, contraiu matrimónio nesta freguesia, o sr. Armando Lourenço da Silva, de Azões, com a menina Laurinda da Silva Vieira de Duas Igrejas, respectivamente filhos do sr. Manuel da Silva e de D. Rosa Lourenço e do sr. António Vieira e de D. Custódia da Silva.

—E no dia 8 de Novembro, contraiu matrimónio o sr. Carlos Fernandes Braga, com a menina Maria de Fátima G. Fernandes, ambos desta freguesia, respectivamente filhos do sr. José Braga e de D. Isabel Fernandes e de D. Rosa Gonçalves.

Grandiosas Festas em honra de Santa Luzia nos dias 8, 13 e 14 de Dezembro de 1975

PROGRAMA

Dia 8

Às 11 horas, Missa Cantada, continuando a Capela aberta durante a tarde.

Dia 13

Dia Litúrgico do Martírio de SANTA LUZIA.

Às 8 horas, entrada de Grupos de Zés P'reiras.

Às 10 horas, Missa Cantada, mantendo-se a Capela aberta para que todos os fiéis possam cumprir as suas promessas.

A noite haverá grande sessão de fogo de artifício dos pirotécnicos da freguesia.

Dia 14

Missa Solene com sermão por um distinto orador, seguida de Magestosa Procissão que percorrerá os lugares da freguesia.

Cabanelas

No dia 16 de Novembro, contraiu matrimónio nesta freguesia, o sr. Manuel de Barros Teixeira, de Prado, (Santa Maria), com a menina Maria do Céu Machado Macedo de Cabanelas, respectivamente filhos do sr. José Teixeira e de D. Gracinda de Barros e do sr. Manuel dos Santos Macedo e de D. Maria Celeste da Silva Machado.

—No dia 20 de Novembro, contraiu matrimónio o sr. Armando José Alves, com a menina Maria Rosa de Araújo Lucas, ambos desta freguesia, respectivamente filhos do sr. Manuel José de Araújo e de D. Bertelina Alves e do sr. Bento da Silva Lucas e de D. Maria Aurora de Araújo.

Carreiras

(S. Miguel)

No dia 28 de Novembro, faleceu, nesta freguesia, Matildes Pinheiro de 82 anos de idade, do lugar de Monte Maior.

Cervães

No dia 22 de Novembro, contraiu matrimónio nesta freguesia, o sr. Paulino Faria Pereira, com a menina Rosa Maria da Silva Martins, ambos desta freguesia, respectivamente filhos do sr. Paulo Francisco Pereira e de D. Maria de Faria e do sr. António da Silva Martins e de D. Dolores Gomes da Silva.

Covas

No dia 26 de Novembro, faleceu, nesta freguesia, Avefino José Lobo, de 87 anos de idade, Rosa de Jesus Soares.

Gondiães

No dia 22 de Novembro, contraiu matrimónio nesta freguesia, o sr. Abel Rodrigues Ferreira, de Vila Verde com a menina Joaquina Rosa Lopes Gomes de Gondiães, respectivamente filhos do sr. António Ferreira e de

D. Teresa Maria Rodrigues e do sr. Domingos Gomes e de D. Lucinda Lopes.

Lage

No dia 27 de Novembro faleceu, nesta freguesia, António Ferreira da Cunha, de 88 anos de idade, viúva de António Marques, do lugar de Bouços.

Moure

No dia 25 de Novembro, faleceu, nesta freguesia, António Dias de Magalhães, de 54 anos de idade, solteiro, do lugar de Santo André.

Mós

No dia 27 de Novembro, faleceu, nesta freguesia, Maria da Conceição Mota da Silva, de 17 anos de idade, filha do sr. José Portela da Silva e de D. Maria da Glória da S. Mota.

Oleiros

No dia 25 de Novembro, faleceu, nesta freguesia, António Leitão da Cunha, de 75 anos de idade, casado com Idalina Dias, do lugar da Lamela.

Penascas

No dia 26 de Novembro, faleceu, nesta freguesia, Cândida Gomes de Oliveira, de 74 anos de idade, viúva de Manuel Joaquim Gomes, do lugar da Vila.

Turiz

No dia 9 de Novembro, contraiu matrimónio nesta freguesia, o sr. José da Silva Antunes, com a menina Aurora Martins Pereira, ambos desta freguesia, respectivamente filhos do sr. Domingos Antunes e de D. Maria da Conceição P. da Silva e do sr. David Pereira e de D. Maria das Dores Martins.

Pelo nosso Hospital

Na última quinzena de 17 de Novembro a 3 de Dezembro foram internados os seguintes doentes:

Lucinda Glória de A. Marques Cunha, residente em Paçô; Silvestre Marques, residente em Gomide; Maria Albertina Gonçalves Oliveira, residente em Cervães; Belmiro Augusto Dias, residente em Vila Verde; Isaura Rodrigues da Silva, residente em Duas Igrejas; Maria de Fátima G. Oliveira, residente em Cervães; Manuel Claudino G. Oliveira, residente em Cervães; João António G. Oliveira; residente em Cervães; Artur Jorge Gonçalves Oliveira, residente em Cervães; Manuel Joaquim Teixeira, residente em V. Verde.; Deolinda Oliveira G. Cunha, residente em Marrancos; Maria Alice Alves Rodrigues, residente em Mós; Adelaide Faria da Costa, residente em Barbudo; Maria Lúcia Silva Almeida, residente em Oriz (S.ta Marinha); Rosa Jesus Gomes Ferreira, residente em Rio Mau; Carlos da Conceição Veloso; residente em Barbudo; Maria da Conceição O. Pimentel, residente em Moure; Cândida Araújo, residente em Duas Igrejas; Amélia da Silva, residente em Gondiães; Alexandre de Sousa, residente em Loureira; Maria de Fátima Sousa Costa, residente em Loureira, Maria Rosa Ferreira Faria, residente em Barbudo; Custódia Martins Penedo, residente em Valbom, (S. Martinho), Joaquim Gomes de Magalhães, residente em Rio Mau; Delfina do Carmo P. Costa, residente em Vilarinho; Rosalina de Sousa, residente em Atães; Maria Pereira de Brito, residente em Valões.

No dia 15 de Novembro, contraiu matrimónio nesta freguesia o sr. Vítor Manuel Sangens Vieira, da Lage, com a menina Maria de Carvalho Gomes, de Turis, respectivamente, filhos do sr. Francisco José Vieira e de D. Conceição Sangens e do sr. José Gomes e de D. Rosa Pereira de Carvalho.

Valbom (São Pedro)

No dia 12 de Novembro, faleceu, nesta freguesia, João Alberto de Castro, de 79 anos de idade, viúvo de Carolina Simões Lopes do lugar de Urzal.

Valdreu

No dia 27 de Novembro, faleceu, nesta freguesia, Maria de Jesus Pereira, de 73 anos de idade, solteiro.

Aos emigrantes da Sede do Concelho -- O Natal

O Pároco de Vila Verde, felicita todos os seus paroquianos, ausentes e emigrantes, desejando-lhes Feliz Natal e Próspero Ano Novo.

Lamenta não poder escrever a cada um. Participe-lhes que a Missa da Meia-noite Natalícia

do dia 24 para 25, na Igreja Matriz, é por todos os vilaverdenses, ausentes e emigrantes, que não podem vir às suas terras, e em especial, pelos seus paroquianos.

Assim nos reuniremos com Deus.

Habilitação

Cartório Notarial de Vila Verde

Lic. Alpidio Gonçalves

Certifico narrativamente, para efeito de publicação, que neste cartório e no livro de notas para Escrituras Diversas n.º B-6, de folhas 87v. a 99, se encontra exarada, com data de 24 do mês corrente, uma escritura de habilitação notarial por óbito de Manuel da Rocha Oliveira, solteiro, natural da freguesia de Atães, deste concelho, onde residia no lugar da Portela do Vade, falecido no dia

vinte e nove de Setembro do corrente ano.

Mais certifico que na referida escritura foram declarados como herdeiros do falecido António da Rocha Oliveira, casado, residente na rua 2 de Fevereiro, n.º 152,, Engenho de Dentro, Brasil; Joaquim José de Oliveira, casado, residente na rua de Vichi-Pont du Chateau (Puy-de-Dôme), França; Maria da Rocha Oliveira, casada, residente no dito lugar de Portela do Vade; Francisco da Rocha Oliveira, casado, residente na rua Leopoldina da Rocha Oliveira, 259, casa 1-A, Piedade, Rio de Janeiro, Brasil.

Está conforme ao original e declaro que na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Cartório Notarial de Vila Verde, vinte e cinco de Novembro de mil novecentos setenta e cinco.

O Ajudante,

Branca Rosa Peixoto P. da Cunha Lira



CUSTÓDIO JOAQUIM BARBOSA & FILHOS, LDA

Fabrico de Estores em Alumínio lacado, Plástico, Madeira e Alumínio anodizado Laminados para Interiores

Fornecemos orçamentos. Consulte-nos sem qualquer compromisso.

Alivio — Vila Verde — BRAGA
Telef. 32217

Quer comer bem e em ambiente familiar?

Procure a CASA DE PASTO

A MINHOTA

DE — Amâncio Coelho e Angélica Martins

Rua de S. Marcos, 118 — Telef. 23940 BRAGA
Almoços e Jantares — Bons Vinhos Verdes — Deliciosos Petiscos

REPARADORA AUTOMÓVEL, LDA.

DE *Mendes & Afonso*

OFICINA DE REPARAÇÕES AUTO

Mecânica - Chapelro - Pintura
Alinhamento de direcções
Calibragem de rodas - Testes em motores, etc.

PALMEIRA (Em frente à Fundação de Alumínio)

BRAGA

«10.º ANIVERSÁRIO»

Casa Gomes

DE **João Barbosa Gomes**

CONFECÇÕES
FAZENDAS
CALÇADO
MALHAS

Praça da República

Telefone 32186

VILA VERDE (Minho)

Correspondente do B. P. A. — Agente de Seguros

Acontecimentos políticos

(Continuação da pág. 1)

nifestações com transportes pagos e ainda com serventários assalariados nacionais — os funcionários do partido — e mais por estrangeiros bem pagos.

Orquestração da T. V. e EN, do Rádio Clube Português, Diário de Notícias, Século, Diário de Lisboa, Diário Popular, etc. ...

Todos os grandes meios de comunicação social foram assaltados e tomados pelas extremas esquerdas, que chegaram a esbulhar a Igreja Católica da sua Emissora Rádio Renascença, e o partido Socialista do Jornal República, pondo-os também ao serviço dos golpistas. O governo — o povo pagante — aguentava esses revolucionários, só os jornais com o déficit de cinquenta mil contos mensais. Estava sofrer o País uma autêntica lavagem ao cérebro, ruínoza.

O Conselho da Revolução viu-se na contingência de ter de destruir a Rádio Renascença. Os ataques a tudo quanto era ordem eram contínuos. O governo e os governantes do VI Governo eram enxovalhados e injuriados nesses órgãos de informação com as piores injúrias, impunemente. Mas entre todos ficaram célebres as inventonas, calúnias e difamações do tristemente notável «O Diário de Notícias». Ficou com símbolo da baixeza a que pode chegar o jornalismo nas mãos de determinadas ideologias comunistas.

Suv, Copcon, Ralis, Polícia Militar, Paraquedistas, etc. ...

Num plano passado a papel químico da revolução comunista russa dos militares de 1917, procuraram anarquizar as Forças Armadas, por plenários, actos selvagens, como os dos destroços nos combates, manifestações públicas com fantoches de militares. Desapareceram todas as fardas militares das feiras. Apareceram fardados rapazes e velhos. Eram os Suv (soldados unidos venceremos).

Dominaram os quartéis do Copcon, Ralis, Polícia Militar, Paraquedistas, sob os altos comandos dos generais Otelo e Fabião. Faziam os juramentos de bandeira de punho cerrado ...

E destes partiu o golpe revolucionário. Animaram ainda as disparatadas arengas alentejanas do almirante Rosa Coutinho.

Regiões Militares do Norte, do Centro, «Comandos»

Mas, entretanto, a coesão de todas estas forças militares, comandadas pelos brigadeiros Pires Veloso, Charais, e coronel Jaime Neves, começaram a mostrar que não consentiriam neste País a instauração da ditadura do proletariado; só na defesa dos princípios do 25 de Abril.

O golpe em marcha

No dia 13 de Novembro, o Governo e os deputados são cercados e sequestrados por massas comunistas durante cerca de dois dias. Só eram alimentados os do partido comunista.

Este mesmo distribuía sandes aos sequestrantes. Agora o senhor Cunhal diz que o golpe era das direitas e que deitam as culpas às esquerdas. Que civismo.

O governo não governava

Perante a impunidade dos sequestrantes, o VI Governo deliberou não se demitir, mas não governar enquanto não lhe fossem dados meios de autoridade. Chegou-se a espalhar a hipótese de o Governo se instalar com os deputados da Constituinte no Porto. O fim destes ataques era levar o almirante Pinheiro de Azevedo à demissão e depois tratavam-no como aos do 28 de Setembro e 11 de Março. Implantavam um governo de feição para o comunismo.

O golpe do 25 de Novembro

Os Paraquedistas de Tancos revoltosos — que não foram todos porque um número considerável de oficiais e soldados, retiraram-se — na madrugada assaltaram o Comando da Região Aérea e as bases aéreas de Tancos, Monte-Real e Montijo. Forças da Escola Prática da Administração Militar, contrárias ao governo, ocuparam os estúdios de Lisboa da R.T.P. Vários funcionários retiraram-se para o norte.

A R.T.P. e a Emissora Nacional passaram a transmitir do Porto.

A Assembleia Constituinte suspendeu os seus trabalhos. A União dos Sindicatos de Lisboa mandou a paralização do trabalho e incitava-se o povo a pegar em armas. Dizem que foram descarregadas de barcos, para a população, cerca de cento e cinquenta mil armas. Quiseram lançar a guerra civil, a desgraça que deixaram em Angola e Timor. O Presidente da República, que sempre se mostrou indeciso no desenrolar dos acontecimentos antecedentes, firma-se e declara o estado de sítio na Região Militar de Lisboa. A Rádio apoiou o golpe.

O desmoronar do golpe e a PM

Os «Comandos», comandados pelo coronel Jaime Neves, começaram a assaltar as unidades revoltosas, que se vão rendendo. O norte e o Centro, pelas suas Regiões Militares, formam o forte da deslocação de tropas para impedir os movimentos do golpe.

A Polícia Militar ofereceu resistência às tropas dos «Comandos» e abateram o tenente-comandante José Eduardo Coimbra, do 2.º furiel miliciano-comando Joaquim dos Santos Pires, sofrendo a baixa do aspirante miliciano José Albertino Ascenso Bagagem.

No dia 27, as unidades revolucionárias estavam todas rendidas.

O povo e os revolucionários

Não puderam contar com o povo, conforme o seu programa O de Rio Maior, alertado, pelos acontecimentos, preparatórios, no dia 24, trinta mil pequenos agricultores tomaram as estradas de Lisboa, procuraram cortar-lhe todos os abastecimentos, barriaram as estradas e exigiram do Presidente da República a demissão do general Otelo. A Extremadura e o Ribatejo, à volta de Lisboa aderiu ao movimento, que se retirou, logo que foram dadas as garantias a este povo contra a tomada das suas pequenas terras.

Junto das unidades revoltosas o povo exigia a sua rendição. No funeral dos dois oficiais mortos dos «Comandos» Lisboa, o Porto e todas as terras por onde passaram, multidões enormes prestaram a sua homenagem aos dois heróis que deram a vida pela liberdade.

A queda dos deuses

Implicado o Copcon, e os altos comandos militares, o general Otelo, que, dias antes, dissera que ninguém era capaz de o demitir, viu-se coagido a fazê-lo, seguido do general Fabião, chefe do Estado Maior.

Os chefes da revolução foram presos e conduzidos para a prisão de Custóias no Porto. O célebre (tristemente) almirante Rosa Coutinho foi demitido do Conselho da Revolução.

Choraram de vergonha ou de remorsos?

Os oficiais derrotados que queriam impor uma tirania ao povo português choraram, quando foram presos. Os jornais publicam essa triste figura. Esses que não choraram de vergonha, quando viram os brancos portugueses a serem trucidados, violentados, roubados, em Angola, talvez agora chorassem de remorsos.

Pior que a Pide

Publica-se que a Polícia Militar exerceu violências incriveis sobre militares e civis presos, nas suas prisões. E são esses que têm presos elementos da Pide sem julgamento, muitos dos quais o seu crime será apenas o de serem chancelas nos passaportes.

Notícias da Fazenda

Durante todos os dias úteis do próximo mês de Outubro encontram-se à cobrança, à boca do cofre, as seguintes contribuições do ano de 1969:

LIQUIDAÇÃO COMPLEMENTAR

Contribuição Indust. - Grupo A de 1969
Contribuição Indust. - Grupo B de 1969
Imposto Complem. - Secção A de 1969

Contas em Portugal

Enquanto uns estão presos, sofrendo isolamento, proibidos de visitas, cheios de violências, porque do antigo regime; estes, que cometeram maiores ou iguais crimes, exigem situação de privilégios na prisão. Rapidamente está a organizar os processos para só castigarem os culpados, mas os das inventonas do 28 de Setembro e 11 de Março e os da Pide, continuam presos, à espera dos processos e do julgamento indefinidamente.

A Televisão, a Rádio e os jornais estatizados

A TV e a E. N., agora deixaram de lavar o cérebro dos portugueses com músicas e programas de uma vilania confrangedora. Os banhos do Rio Douro fez-lhes bem. O povo já vê e ouve os programas contente. Dizem que até já temos o, que não acontecia desde há muito — música portuguesa.

As direcções comunistas dos jornais estatizados foram todas demitidas. Só será permitida a sua publicação depois de reorganizados com novas direcções que sirvam o povo e a revolução do 25 de Abril e não partidos minoritários de ditadura.

As consequências políticas do golpe

(Continuação da 1.ª pág.)

manobras efectuadas na Região de Coimbra, e em Santarém e de encontros, durante almoços, entre os brigadeiros Pires Veloso, Charais e Pizarat Correia. Por outro lado, tomam agora vulto as nossas notícias sobre as reuniões e a constituição de uma vasta Frente Unida Militar composta por mais de 1400 oficiais democratas do Quadro Permanente. Santarém, por exemplo, estava pronta a cortar num ápice a água e a luz eléctrica que abastecem Lisboa ao mesmo tempo que tinha um plano estratégico para atacar o RALIS destruindo em poucos minutos o seu frágil aparelho bélico.

Quando, na reunião de segunda para terça-feira, o Conselho da Revolução confirmou o já brigadeiro Vasco Lourenço no comando da Região Militar de Lisboa, este e o Conselho sabiam que iam precipitar o golpe. Assim foi. Os pára-quedistas foram os detonadores ficando os restantes implicados na expectativa de que se registasse uma acção popular armada que desencadearia a adesão de outras unidades até à vitória final que seria a instituição em Portugal de uma Ditadura chamada Popular.

Os grandes vencedores do 25 de Novembro são, sem dúvida, os militares do grupo dos «Nove». Estes souberam manter do seu lado forças importantes, como os partidos políticos maioritários, a Imprensa livre e independente e mais de 80% dos seus camaradas do Exército. No campo político, os grandes vencedores são o Partido Socialista com especial relevo para três das suas figuras: Mário Soares, Salgado Zenha e Jorge Campinos. O partido Popular Democrático com a acção decidida de Sá Carneiro é, também, um grande vencedor, podendo disputar legitimamente o seu lugar no VI Governo e tendo-se afirmado verdadeiramente como partido Democrático. O CDS tem, igualmente, muito a ganhar embora deva ainda manter-se em posição discreta como verdadeiro partido de Oposição.

Entre os grandes derrotados contase o Partido Comunista Português e o seu secretário-geral dr. Alvaro Cunhal. A sua política, desde sempre considerada de irreal e até aventureirista, levou o partido a uma derrota estrondosa de que só sairá dificilmente. Admite-se que o partido possa passar à clandestinidade, e, de qualquer forma, não se cre que continue no VI Governo.

O desenlace da situação era esperado. Só os demagogos não viam que o País não podia continuar no caminho em que estava embrenhado. A Imprensa independente e muitas vezes de políticos responsáveis chamavam constantemente a atenção da esquerda para os seus erros.

Nada deteve a esquerda portuguesa na sua caminhada alucinada até este desfecho. Que esta tenha aprendido a lição e adopte antes de mais um comportamento democrático. Uma Democracia só se pode fazer com democratas. É importante que a esquerda medite neste factor. É importante, também, que a esquerda abandone o aventureirismo, que se auto-discipline, que crie quadros e se imponha ao País pela competência, pela seriedade, pelo sentido do que é essencial, de modo a poderemos construir uma Nação Democrática onde efectivamente o grande senhor dos destinos da Pátria sejam os portugueses.

As consequências políticas imediatas da situação estão diagnosticadas. Não é difícil prever que o VI Governo vai voltar ao poder e que vai receber, em manifestações maciças, o apoio da Nação. Depois seguir-se-á a política do possível que será, naturalmente, uma política que poderemos classificar de esquerda moderada, assente nas relações com todos os países do Mundo e tendo em atenção, acima de tudo, a recuperação da situação económica que é, na verdade, catastrófica.

«TEMPO» 27-11-75

O «Chico da Cuf., fala da Rússia onde viveu 26 anos

Francisco Ferreira, natural de Alcácer do Sal, onde nasceu em 1911, filho de trabalhadores rurais, vulgarmente conhecido por «Chico da CUF», em Outubro p. p. deu ao mensário «Jornal de Alcácer» uma entrevista de duas horas acerca da sua experiência vivida na União Soviética e em Cuba, da qual transcrevemos a seguir, com a devida vénia, os trechos mais relevantes:

J. A. — Há algum tempo, neste jornal, referimos alguns aspectos da sua luta anti-fascista ligada ao Partido Comunista e, mais tarde, a ida para a União Soviética. Ainda lá se encontrava quando aconteceu o 25 de Abril?

F. F. — Não. Regressei a Portugal em 1970.

J. A. — Como se explica tal regresso antes da Revolução?

F. F. — Isso exige uma longa explicação. Fui para a URSS em 1939, depois de ter combatido na guerra de Espanha. O primeiro português com quem contactei na União Soviética foi, em 1948, Alvaro Cunhal, que eu já conhecia da Juventude Comunista, em Lisboa. Nos 2 primeiros anos trabalhei numa fábrica de tractores em Cracó-

via, na Ucrânia. Essa fábrica tinha cerca de 19000 operários. Quando começou a guerra, enviaram-me para outro trabalho, onde estive de 1941 a 1943. Após isso, mandaram-me trabalhar para a Rádio Moscovo.

J. A. — Transmitindo para Portugal?

F. F. — Sim. Até então havia emissões em português, mas para o Brasil. Criei as emissões para Portugal e também para as ex-Colónias. Ali trabalhei durante 22 anos. Em 1948, convidaram-me para membro do PC soviético. Recusei com toda a diplomacia, dizendo que já tinha Partido — é que fazer uma recusa destas é já um delito.

J. A. — Por que não quis filiar-se?

F. F. — Não estava de acordo com muitas coisas que se faziam na URSS, essa era a razão ...

OS SINDICATOS SOVIÉTICOS NÃO DEFENDEM OS OPERÁRIOS

J. A. — Um exemplo?

F. F. — Na fábrica de tractores, o Sindicato era mero auxiliar da Administração da Empresa. Um dia, quando eu já começava a compreender alguma coisa de russo, notei que, antes de terminar o turno, fechavam os portões. Perguntei porquê. Disseram-me: é que tem que haver uma reunião do Sindicato e, se não houver quorum (presenças), não pode ser aprovada uma resolução importante. Eu não podia estar de acordo com este facto e outros semelhantes, porque não significava nem democracia nem socialismo. Os operários soviéticos, naquela fábrica pelo menos (e eu sei que nas outras não era muito diferente), não tinham muita simpatia pela «Intersindical lá do bairro! ...».

J. A. — Porquê? Não defende os trabalhadores?

F. F. — Na URSS, sucede o seguinte: o responsável do Sindicato em qualquer empresa tem um ordenado mensal de 120 rublos. Mas se ele mantém boas relações com o director da fábrica, poderá receber até 350 rublos. A diferença é um prémio mensal, que depende das boas relações com o director, que, nas condições actuais, é de facto, um novo patrão. Isto significa que quando um operário tem qualquer problema na fábrica, o secretário do Sindicato não toma o partido do operário, mas do director. Daí que os operários soviéticos não tenham muita simpatia pelos seus Sindicatos, onde não há democracia.

COMO CONSEGUIU SAIR DA RÚSSIA ...

J. A. — Mas estávamos a falar no seu regresso ...

F. F. — Pois. Estes problemas políticos levaram a que eu pedisse, cada vez com mais insistência, o regresso ao meu País, para aí continuar a militância no movimento anti-salazarista e a luta pela classe operária. Foi-me sempre negado. Não me deixavam sair.

J. A. — Mas acabou por conseguir ...

F. F. — Lutei 18 anos para o conseguir. Finalmente tive a sorte de ter chegado a Moscovo Silvío Cardenas, pianista cubano, marido da Irmã mais nova de Fidel Castro (Agustina). Como tinham conhecido a minha filha em Cuba, tornaram-se nossos amigos. Agustina ficou grávida e disse a minha mulher que queria que o seu filho fosse nascer a Cuba. Pediu a minha mulher para a acompanhar. Concordou, desde que eu também pudesse ir. Há 8 anos que não via minha filha, nem conhecia meus netos e meu genro. A Irmã de Fidel conseguiu que eu fosse a Cuba gozar as férias, em Agosto de 1965. Claro que não regressel.

J. A. — E não teve problemas por isso?

F. F. — Naturalmente que tive alguns problemas, porque o Alvaro Cunhal e a direcção do PC Português

(Continua na 4.ª pág.)



Quinzenário Regionalista

Serviço Cívico no Concelho

Comunica a Delegação Distrital de Braga, S.C.E. que a abertura da inscrição para os estudantes do Concelho de Vila Verde, que terminaram o curso complementar do ensino liceal é no dia 11 de Dezembro, e para

os que completaram o Curso de ensino técnico, é no dia 12 de Dezembro.

A inscrição será no r/c do edifício dos Serviços Técnicos da Junta Distrital, na rua do Hospital, Braga.



Visitou o Brasil, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da República Federal Alemã (Alemanha Ocidental) Sr. Hans Dietrich Genscher, onde permaneceu por 3 dias.

Numa comitiva de 80 pessoas o Ministro Alemão, dedicou a maior parte do seu tempo a conversações com o Chanceler brasileiro Azeredo da Silveira sobre as bases do acordo firmado entre o Brasil e a Alemanha e a Agência de Energia Atómica sobre sistema de Salvaguardas para execução do Programa de cooperação Nuclear, assinado em Junho em Bonn.

O Boeing fretado especialmente pelo Governo Alemão, trouxe industriais, banqueiros, comerciantes e dirigentes de empresas de consultoria técnica que realizaram contactos no Rio de Janeiro, S. Paulo e Brasília.

Foi inaugurada para a cidade do Rio de Janeiro e a de Curitiba o sistema DDI de telefonia (Discagem Directa Internacional).

O importante serviço será estendido às cidades de Porto Alegre e S. Paulo, ampliando-se no primeiro trimestre do próximo ano a Belo Horizonte, Goiânia, Belém, Recife Fortaleza, Salvador, Vitória, Florianópolis e Blumenau.

A Orquestra Jovem do Rio de Janeiro, fará a primeira apresentação no Brasil da ópera III - Pastore de Mozart, dentro do Plano idealizado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, que inclui 200 eventos artísticos para todo o estado no âmbito da Secretaria Estadual de Educação.

Mérece especial destaque a apresentação teatral de Walmor Chagas com «Os Portugueses».

O embaixador brasileiro em Londres, Sr. Roberto Campos, falou para 3 mil pessoas no Royal Albert Hall, a convite da Associação dos Executivos da Grã-Bretanha. O Novo Cenário para a Tomada de Decisões Internacionais, foi o tema exposto pelo Ex-Ministro das Finanças do Brasil.

40 milhões de toneladas de ferro serão fornecidas pela companhia Vale do Rio Doce entre 1978 a 1990, a um grupo de Usinas Siderúrgicas Francesas, para tanto foi assinado contrato entre a CVRD e a Unisor.

A iluminação externa da Ponte Presidente Costa e Silva, Rio-Niterói, será accionada agora doravante apenas em dias festivos nacionais, tal decisão deve ao facto de que o brilho das lâmpadas sobre a baía de Guanabara, prejudicava a navegação marítima no tocante ao balizamento.

O Consider e a Siderbrás estão estudando os estatutos do Instituto

Nacional dos Transportadores de Aço, a ser formado pelas Empresas que operam na movimentação do material siderúrgico.

Já em testes operacionais a terceira linha de produção de folhas de flandres da Companhia Siderúrgica Nacional, no Município de Volta Redonda.

SOCIAIS

Aniversariantes:

Celeste Garcia da Costa e seu filho Carlos Garcia da Costa. Mónica Moreida de Oliveira, filha de Manuel Araújo de Oliveira e Francisca Moreira de Oliveira, Marco Aurélio de Sá Barros, filho de José e Idalina de Sá Barros.

Ana Maria Antunes Braga, filha de Manuel Ramalho Braga e Maria Antónia Antunes Braga. Alan José, filho de José Fernandes Pereira e Walquíria Fernandes Pereira.

NOTA:

Em consequência da irregularidade dos Correios Portugueses, alguns dos nossos serviços enviados da cidade do Rio de Janeiro, não puderam ser publicados. Estamos enviando esforços para superar essas dificuldades.

Agradecemos as demonstrações de simpatia e compreensão de nossos leitores, especialmente daqueles que no BRASIL também dedicam uma especial atenção ao Vila Verdense.

O "Chico da Cuf", fala da Rússia onde viveu 26 anos

(Continuação da pág. 3)

(oxalá que fosse bem português!) exigiam que eu fosse falar com eles a Moscovo. Escrevi uma carta dizendo que receava ir a Moscovo, onde os meus legítimos direitos tinham sido negados durante bastantes anos, e que a distância era a mesma: viessem eles a Cuba, se queriam falar comigo. Nem por intermédio do PC cubano acedi. Recusei-me sempre e disse que só forçado, mas havia de denunciar com todas as forças tal violência.

J. A. — Ficou em Cuba ...

F. F. — Fidel Castro autorizou a minha estadia, indicando-me para fazer emissões para Moçambique. Ali trabalhei mais 4 anos, em emissões para o Brasil, Guiné, Angola e Moçambique. Era tradutor (locutor e redactor da Rádio Havana — Cuba.

... E REGRESSAR A PORTUGAL

J. A. — E após esses 4 anos?

F. F. — Quando a bendita cadeira deitou o Salazar ao chão e depois do Marcello Caetano ter assumido a chefia do Governo e pronunciado o conhecido discurso — cada português que quisesse trabalhar para o bem da Pátria podia regressar, que não seria perseguido — fui à representação diplomática de Portugal em Havana que, nessa altura, não tinha categoria de embaixada. Disse quem era e pedi garantias de não perseguição em Portugal. Dois meses depois garantiram-me que, se regressasse apenas para trabalhar sem me meter em actividades políticas, poderia regressar. Vim para o Barreiro, em Janeiro de 1970 — 36 anos depois de ter saído dessa vila, onde fora preso no movimento de «18 de Janeiro» contra a fascização dos Sindicatos. Após alguns anos de trabalho clandestino, em Lisboa, saíra de Portugal em Abril de 1936. Desempenhei diversas tarefas na guerra de Espanha, sob a orientação de Santiago Carrilho, e só depois da sublevação da base naval de Cartagena, em 1939, fui para a URSS.

ALVARO CUNHAL NÃO CONHECE O POVO PORTUGUES

F. F. — Álvaro Cunhal deve ter estado cerca de 15 anos na URSS. Deixou de conhecer o Povo Português. Se o conhecesse e interpretasse os seus anseios, não teria realizado aquela política de escalada, com métodos absolutamente anti-democráticos. O nosso Povo, com aquela intuição e inteligência que o caracteriza, compreendeu-o tão bem que colocou o PC em situação minoritária. É que ele fez uma política de escalada demagógica, que o Povo condena. Começou por criticar as greves, algumas das quais legítimas depois, começou a fomentar as greves. O povo deu-lhe a resposta: 12,5% de votos.

A EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO ESTADO

J. A. — Há, então, exploração do Homem pelo Estado?

F. F. — Sim. O trabalho na URSS é muito mal pago.

J. A. — Como é o nível de vida?

F. F. — Há um livro muito bom sobre isso: «Da Democracia Socialista», de Roy Medvedev. Aconselho que leia. O salário mínimo do operário é 70 rublos; o médio oscila entre 80-90 rublos; os maiores andam pelos 120 rublos ...

J. A. — E esses números, em relação ao custo de vida?

F. F. — Diz Medvedev que uma família de 4 pessoas necessitaria de 300 a 400 rublos para viver. Um quilo de laranjas custa 1 rublo e 40 ...

J. A. — A carne, por exemplo?

F. F. — A volta de 2 rublos cada quilo, em armazéns do Estado, onde é de pior qualidade. Tudo quanto é vendido ao comprador normal é em armazéns do Estado e de má qualidade.

J. A. — Mas há outros armazéns?

F. F. — Pois há. O prof. Henrique de Barros tem um folheto intitulado «Apontamentos e reflexões de viagem à União Soviética». Lá refere as lojas especiais fechadas ao público ou que só vendem com divisas «com prestígio no mundo ocidental». Diz que é ofensivo que a um soviético não sejam vendidas coisas com o dinheiro nacional.

J. A. — Há grandes diferenças de ordenados?

F. F. — Uma das coisas que me indispôs foi o facto de que, quando comecei a trabalhar na Rádio Moscovo, passei a ganhar cerca de 5 vezes mais do que ganhava na fábrica de tractores. Além disso, havia privilégios gritantes para os membros do Partido, responsáveis, altos funcionários do Partido e Sindicatos. Nas lojas especiais podiam adquirir todos os acepipes do mundo ocidental, como uísque escocês, sardinhas e vinho de Portugal ou Espanha, etc. Além disso, tinham as *datachas* — casas de campo de fim-de-semana —, enquanto um operário trabalhava em condições de guerra e recebia, para beber, apenas o chá ou água quente (Kipiatok), que, no Inverno, tem muito valor, e rebufados. É um regime que só de fachada tem o nome de Socialismo.

J. A. — Um «capitalismo, de Estado»?

F. F. — Sim. Um capitalismo de Estado, onde os operários são intensamente explorados, sem possibilidades de resistir. Lá, as greves são uma coisa ultrapassada; não podem fazer greve.

J. A. — Seria prejudicarem-se a si mesmos.

F. F. — Há um livro muito interessante, que está traduzido em português, mas que os nossos gráficos alentados pelo Partido de Cunhal não quiseram publicar ...

J. A. — Tenho aqui um apontamento e suponho que ia falar nesse livro. É o «Arquipélago do Goulag», de A. Soljenitsine?

F. F. — Exactamente. Esse livro descreve um período da URSS, muito parecido com o que estamos vivendo. É o período de 1917-1956. Mostra como os operários são obrigados a realizar trabalhos, que não são pagos convenientemente. Refere como o PC russo coloca ao seu serviço as estruturas da antiga polícia política czarista, a *Okhrana*, apodera-se das suas fichas, sabe quais os seus militantes que foram mais fracos ou denunciaram, e obriga-os a realizar tarefas pela força, porque se eles se recusarem apresentam-os ao Povo como agentes ou colaboradores da *Okhrana*. Também entre nós, através da Comissão de Extinção da Pide/DGS, elementos comunistas foram denunciados por Fernando Oneto e Alfredo Caldeira, sobrinho de um grande dirigente do

PC, em 1934-1936, que morreu no Tarafal sem nunca se vergar. Se o «Arquipélago de Goulag» fosse lido pelos Portugueses, compreenderiam ainda melhor muitas das atitudes absolutamente incorrectas, que têm sido aplicadas pelo PC de Cunhal.

O PASSAPORTE INTERNO

J. A. — Mas, voltemos ao passaporte interno ...

F. F. — Precisamente. O camponês não tem o passaporte na sua mão. Não pode mudar. Embora não seja lei escrita, como há falta de mão de obra no campo, o presidente guarda ciosamente o passaporte dos camponeses. As vezes conseguem, mesmo assim, sair. Conheço um caso de duas pequenas kolkozianas. Um dia pediram o seu passaporte. Têm um pequeno quarto. Uma delas trabalhava no prédio onde eu morava e a outra no prédio onde morava a irmã e a filha de Luís Carlos Prestes, que então vivam em Moscovo. Se eu sou um soviético e vou passar as férias por exemplo à Crimeia, levo o meu passaporte. Chegando lá, entrego-o na polícia do bairro onde vou passar esses dias e pago um rublo. No fim, levanto o passaporte devidamente carimbado e regresso a casa. Mas o cidadão soviético pode viajar a qualquer parte, se tem o passaporte interno em seu poder.

O PASSAPORTE EXTERNO

J. A. — O passaporte externo é difícil?

F. F. — Mais difícil. Esse — o passaporte vermelho ou estrangeiro — é para privilegiados. Poucos o conseguem. Viajam ao Estrangeiro com mais frequência os desportistas que obtiverem boas marcas — é um incentivo para se esforçarem ainda mais, porque é sempre grande o desejo de visitar o Ocidente e para fazer compras do que lá não têm.

J. A. — Considerando a situação geo-económica e social do nosso País, considera possível implantar um comunismo de tipo russo em Portugal?

F. F. — Não. Considero que não. Viveremos noutra época. Os meios de comunicação mostram o Mundo. A Rússia esteve fechada a todas as influências externas. Essa falta de informação levou a que os outros povos não subessem o que lá se passava. Hoje é diferente, com os meios de comunicação. E os povos europeus têm já uma tradição de vida democrática e estão em condições de compreender o que está fazendo esse Partido, que se arroga em único representante desta ou daquela classe. É o caso português: apesar de o nosso Povo não ser evoluído, compreendem que o Cunhal queria a mesma coisa que na URSS e, por isso, deu-lhe 12,8% dos votos ...

N. da R. — Os subtítulos são da nossa responsabilidade. Quanto ao «Arquipélago de Goulag», de Soljenitsine, informamos os nossos leitores, que foi traduzido, em parte por Francisco Ferreira, e já se encontra à venda, com enorme sucesso de venda.

Inssurrectais

(Continuação da pág. 1)

desaforado ultraje ao Povo, que a elegeu, e que ela representa.

A que ponto pode chegar a selvajaria insurrectar? Mancha negra, sujo borrão, é este, que ficará indelevelmente esparramado nas páginas da nossa História.

Quando os portugueses vindouros, que não tiverem degenerado, as vierem soletrar, não-de repelir como asco este mascarão ignóbil, de lesa portugalidade, e verberar duramente, não tanto os papalvos inconscientes que foram na leva destrambelhada, como os mandantes, que de fora, manejava os cordelinhos, os comandaram.

Lidimos revolucionários, esses? Não! mas insurrectais: tumor maligno, barbárie insensata, selvagismo puro.

Homem da Rua

Cópia

Moção aprovada por 89% trabalhadores do Centro de Saúde de Vila Verde, a enviar ao Concelho Superior da Revolução, Presidente da República e Primeiro Ministro.

MOÇÃO

1. Condenar veementemente golpe contra-revolucionário perpetrado por grupos de para-que-distas manipulados por forças políticas aos serviço de interesses que não são os da esmagadora maioria do Povo Português, lançando este no caminho de uma guerra civil.

2. Apoiar incondicionalmente a actuação das Forças Armadas no desmantelamento de tão vil golpe reaccionário,

com especial destaque para o Regimento de Comandos da Amadora.

3. Apoiar a decisão do Conselho Superior da Revolução ao nomear o Capitão Vasco Lourenço para Comandante da Região Militar de Lisboa.

4. Apoiar a actuação do VI Governo Provisório, único até hoje que teve a confiança da maioria do Povo Português.

5. Exigir medidas imediatas para aqueles que mais uma vez puseram em causa as Liberdades do Povo Português, pretendendo atirá-lo para uma ditadura Social-Fascista.

Vila Verde, 26 de Novembro de 1975

Manuel da Rocha Fernandes